



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL**

FRANCISCO FABRÍCIO DA CUNHA ALVES

**MEMORIAL DE PROCESSO DO FILME
CABECEIRA DE MESA**

FORTALEZA – CE

2021

FRANCISCO FABRÍCIO DA CUNHA ALVES

**MEMORIAL DE PROCESSO DO FILME
CABECEIRA DE MESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Cinema e Audiovisual da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial para obtenção do Título de Bacharel em
Cinema e Audiovisual.

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Osmar Gonçalves dos Reis Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Marcelo Dídimou Souza Vieira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Cristiana de Souza Parente
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A479m Alves, Francisco Fabrício da Cunha.
Memorial de processo do filme Cabeceira de Mesa / Francisco Fabrício da Cunha Alves. – 2021.
48 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Osmar Gonçalves dos Reis Filho, .

1. Curta-metragem. 2. Cinema. 3. Rouch. 4. Imagem. 5. Alcoólicos Anônimos. I. Título.
CDD 791.4

AGRADECIMENTOS

À minha família e aos meus verdadeiros amigos, sempre. Sempre mesmo.

Aos meus pais, por me terem dado educação, valores e por me terem ensinado a andar. À minha mãe, que nunca deixou de me amar, nem de confiar em mim. A meu pai, amor incondicional. A vocês que, muitas vezes, renunciaram aos seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu, partilho a alegria deste momento.

A todos os meus familiares. Não citarei nomes, para não me esquecer de ninguém. Mas há aquelas pessoas especiais que diretamente me incentivaram. Aos modelos em que procuro me espelhar sempre: aos meus avós maternos Caboco Miguel (*in memoriam*) e Onélia (*in memoriam*), amor incondicional eterno, e por me terem ensinado a ser nobre, na essência da palavra.

Ao Prof. Dr. Osmar Gonçalves dos Reis Filho, meu orientador e exemplo de profissional, por não ter permitido que eu interrompesse o processo e pela confiança. Quando ‘crescer’, eu quero ser como você.

Ao Prof. Dr. Marcelo Dídimos Souza Vieira e a Profa. Me. Cristiana de Souza Parente por aceitarem o convite para participar da banca desta defesa.

Aos professores, funcionários e colegas da Graduação em Cinema e Audiovisual da UFC.

A Thiago Barbosa, Saulo Monteiro, Rafael de Jesus, Cícero Teixeira e a todos que ajudaram na realização deste filme.

Aos Membros do Grupo do AA, Grupo São Vicente e Grupo Planalto Pici.

Com vocês, queridos, divido a alegria desta experiência.

RESUMO

Este trabalho descreve o processo de desenvolvimento e produção do curta-metragem Cabeceira de mesa. A saga de um homem em busca da reabilitação. Da sarjeta a chegada ao Grupo de Alcoólicos Anônimos. Filme que clama por um olhar mais sintonizado com a fenomenologia ao mesmo tempo especular e espetacular do cinema. Pretende compreender a condição humana e como grupos de Alcoólicos Anônimos contribuem para uma reabilitação social e espiritual. Entender as variantes comportamentais que levam o indivíduo a procurar se reabilitar e perceber o papel do homem inserido nas relações de dependência e adequação social. A contribuição de Jean Rouch e Eduardo Coutinho na linguagem cinematográfica referente aos planos e a estrutura filmica, atravessaram minhas percepções. Com o curta-metragem Cabeceira de Mesa entenderemos que a reabilitação é um processo, mas que parte de uma vontade individual.

Palavras-chave: Curta-metragem. Alcoólicos Anônimos. Rouch. Imagem.

RÉSUMÉ

Cet ouvrage décrit le développement et le processus de production du court métrage Cabeceira de mesa. La saga d'un homme en quête de réhabilitation. De la gouttière l'arrivée au Groupe des Alcooliques Anonymes. Un film qui appelle un regard plus en phase avec la phénoménologie à la fois spéculaire et spectaculaire au cinéma. Il vise à comprendre la condition humaine et la manière dont les groupes d'alcooliques anonymes contribuent à la réadaptation sociale et spirituelle. Comprendre les variantes comportementales qui conduisent l'individu à rechercher une réhabilitation et se rendre compte du rôle de l'homme inséré dans les relations de dépendance et d'adéquation sociale. La contribution de Jean Rouch et Eduardo Coutinho dans le langage cinématographique faisant référence aux plans et à la structure du film, a traversé mes perceptions. Avec le court métrage Cabeceira de Mesa, nous comprenons que la réhabilitation est un processus, mais fait partie d'une volonté individuelle.

Mots-clés: Court métrage. Alcooliques anonymes. Rouch. Image.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Pais-Fundadores”	10
Figura 2 – Trainspotting - Externa	15
Figura 3 – Trainspotting - Interna	15
Figura 4 – Cabeceira de mesa	19
Figura 5 – Embriaguez	20

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. BREVE PANORAMA DOS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS.....	10
3. PERCURSO INICIAL	11
4. PRÉ-PRODUÇÃO	12
5. FOTOGRAFIA	13
6. SOM	15
7. EQUIPE.....	17
8. ELENCO	17
9. ARTE	17
10. GRAVAÇÕES	19
10.1 CENAS EXTERNAS	19
10.2 CENAS INTERNAS	20
11. MONTAGEM	20
12. CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICES	26
ANEXOS	31

1. INTRODUÇÃO

O ser humano, quando despertado pela consciência, clama internamente por verdades que lhe saciem a sede de um saber superior. Sente, então, a necessidade de preencher o vazio interno, produzido pela falta de realizações neste sentido e pelo desconhecimento dos verdadeiros objetivos da vida.

As ações dos dependentes do álcool passam por motivações ligadas as imagens reais e por aquelas que, supostamente, projetam como meta em suas vidas. Percebem as coisas a partir de imagens criadas em suas mentes, como uma realidade.

Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, interpõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombo. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens. Não mais decifra as cenas de imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. Para o idólatra – o homem que vive magicamente – a realidade reflete imagens (FLUSSER, 2002, p. 9).

Em Cabeceira de Mesa, tive a preocupação de retratar a angústia de conviver com a doença do alcoolismo. A personagem está procurando respostas e soluções para seus problemas. Família e Igreja são as instituições que ele recorre, em vão. Um sujeito atormentado em sua existência. A falta de uma orientação segura, com relação a esses aspectos, o tem levado a se projetar para fora de si mesmo e, dessa forma, é praticamente impossível vincular-se com o seu interno e tomar contato com a sua natureza superior ou espiritual. Por causa desse desvio, sofre as consequências que tanto o deprimem e angustiam.

Para Kierkegaard (2010, p. 46), “a angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática”. Constitui-se, portanto como aquilo que incomoda e ao mesmo tempo convida, é aquilo que amola e atrai. Na angústia, o ser humano se encontra envolvido em um círculo de possibilidades, podendo executar escolhas. Para o pensador moderno, ela é capaz de mover o ser humano a executar ações determinantes para sua vida, pois para o pensador o homem é um ser-capaz-de. Logo:

A possibilidade da liberdade não consiste em poder escolher entre o bem e o mal. Um tal disparate não prossegue nem das escrituras nem do pensamento. A possibilidade consiste em ser-capaz-de. Em um sistema lógico, é bem fácil dizer que a possibilidade passa para a realidade. (KIERKEGAARD, 2010, p. 53)

A liberdade ou a criatividade do diretor, do roteirista, e mesmo do ator em sua interpretação, existem sempre, como em qualquer obra de arte. O que não desliga a obra de arte da realidade social.

O que normalmente um criador faz está dentro de um determinado caldo cultural, sua determinada visão de mundo dialogando com os demais, seja nos âmbitos ético, econômicos e/ou políticos. Portanto, liberdade de criação artística, não necessariamente implica em ausência de elos com a sociedade. Analisar um filme, muitas vezes, é analisar para além do que o diretor quis dizer ou não quis dizer. A obra é que interessa.

Os personagens, as situações e as referências mobilizam a narrativa, os conflitos, e os objetivos pensados no filme. Por exemplo, a primeira regra de abordagem de um documentário é não achar que o documentário possui um compromisso com a verdade nua e crua. Todo documentário, embora queira se aproximar da verdade, é um ponto de vista. Da mesma forma, não devemos pressupor que toda ficção é um ponto de vista subjetivo/fantástico originado da imaginação de quem o roteirizou, dirigiu e produziu. Ela pode ter sido inspirada em algo de fato. É possível trabalhar elementos da realidade social, mesmo numa ficção.

Por isso, partimos da hipótese de que o cinema pode ocupar o importante papel de experimentação/formação do mundo contemporâneo, no entanto, é preciso compreender o jogo entre o real e o imaginado para que o leitor/espectador decodifique as afinidades suplementares entre verbo e imagem no movimento do imaginário. Como bem afirma Carrière:

Nada poderia ser menos preciso do que essa visão estreitamente aritmética de nosso mundo imaginário. Tudo pode ser drama, ação, história, romance, contanto que o interesse seja mantido e que nossos ouvintes se sentem de olhos bem abertos e não nos neguem sua atenção (CARRIÈRE, 2014, p. 146).

O curta-metragem Cabeceira de Mesa remete a uma reflexão existencialista. Qual o limite entre a sanidade e a adequação social? De que maneira podemos superar os entraves sociais, por um desejo de procurar ajuda pessoal? Mesmo com vários atrativos, é possível manter a sobriedade? Será a vida humana uma eterna busca de si? Quem dita às regras de convivência social? Com o curta-metragem Cabeceira de Mesa entenderemos que a reabilitação é um processo, mas que parte de uma vontade individual. Como está dito no 4º Passo: “Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos”.

2. BREVE PANORAMA DOS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Figura 1 - “Pais-Fundadores”



Fonte: Grapevine

Estes grupos autônomos que surgiram inicialmente em Akron nos Estados Unidos da América, tiveram a sua raiz em 1935 quando Bill Wilson e Dr. Bob Smith, com um grave problema de alcoolismo, decidiram criar uma comunidade de entre ajuda para apoiar os que sofrem deste problema e para se manterem eles próprios sóbrios. Eventualmente os Alcoólicos Anônimos difundiram-se por todo o globo.

O AA funciona com base no Programa de 12 passos e fundamenta-se no anonimato de seus membros. A irmandade divide-se em grupos locais, que realizam reuniões regulares nas quais os participantes conversam sobre suas experiências com o alcoolismo e com o tratamento da doença. Para ser membro de AA, o único requisito é ter o desejo de parar de beber. Os grupos reúnem-se regularmente para discutir seus problemas, compartilhar suas vitórias e apoio mútuo. Uma das características mais amplamente conhecidas do programa é a tradição de, nas reuniões, os membros se apresentarem pelo primeiro nome e admitirem que tenha um problema.

Sem caráter religioso, embora tenha incorporado muitos princípios de diversas religiões, a comunidade recebe pessoas de todas as doutrinas. Sobrevive financeiramente através dos seus próprios membros que contribuem espontaneamente, não aceitando financiamento proveniente de fora da própria Irmandade.

O sucesso do programa de A.A deve-se ao fato de que quem não está bebendo tem uma excepcional facilidade de ajudar um bebedor problema. Quando um alcoólico recuperado pelos passos, relata seus problemas com a bebida, descreve como está sua sobriedade e o que encontraram em AA. e abordam um provável ingressante a experimentar essa possibilidade.

3. PERCURSO INICIAL

O que me moveu em direção dessa temática foi um a experiência familiar. Meu pai era um alcoólatra e, por conta própria, resolveu parar de ingerir bebidas alcoólicas. Procurou um grupo de Alcoólicos Anônimos (AA) para ajudá-lo na abstinência. Começou, assim, o primeiro passo. Lá se vão 25 anos de sobriedade. Hoje participa da parte administrativa e dos depoimentos na cabeceira de mesa. Uma vez por ano, na chamada “troca de fichas”, onde se comemora mais um ano de sobriedade, me faço presente para prestigiá-lo. Para a pesquisa, participei de vários encontros.

Quem se dispõe a admitir a derrota completa? Quase ninguém, é claro. Todos os instintos naturais gritam contra a ideia da impotência pessoal. É verdadeiramente terrível admitir que, com o copo na mão, se tenha convertido na mente tal obsessão pelo beber destrutivo, que somente um ato da Providência pode removê-la. Nenhuma outra forma de falência é igual a esta. O álcool, transformado em voraz credor, esvazia de toda autossuficiência e toda vontade de resistir às suas exigências. Uma doença crônica caracterizada pelo consumo incontrolável de álcool, condicionado pela dependência. Como transpor esse universo para o contexto do cinema?

Fazer o cinema ser o pensar e não o caminho para o pensar, foi o ponto forte de cineastas/pensadores que produziram uma obra de fôlego enquanto teóricos, em paralelo, obviamente, a sua produção de filmes. São cineastas que escreveram manifestos, artigos, livros sobre o cinema e reverberaram essas ideias em sua forma de fazer cinema. Dentre eles, os russos foram teóricos de grande envergadura, como são os casos de Sergei Eisenstein¹, que tem uma obra de fôlego muito consistente em sua filmografia; de Dziga Vertov², contemporâneo de Eisenstein; e, principalmente na década de 1960, o caso de Andrei Tarkovsky³, que também escreveu sobre tempo e cinema. Esse filosofar do cinema ocorreu também em outros países, e no Brasil, Glauber Rocha⁴ é um exemplo de alguém que pensou o cinema pelos meios do cinema, ou seja, esteticamente no interior dos filmes, mas pensou também o mercado, a indústria, a teoria, as ligações do cinema com o panorama mais amplo, político, mundial, em relação ao fenômeno da globalização.

¹ Revolucionário, professor, pensador do cinema, realizador, Sergei Mikhailovich Eisenstein (1898-1948) é um dos nomes fundamentais na consolidação da linguagem das imagens em movimento e, sem dúvida, “o mais prolixo dos cineastas-teóricos, já que ele foi, além disso, durante mais de 15 anos, professor na escola de cinema de Moscou” (AUMONT; MARIE, 2003, p. 97).

² Denis Arkadyevich Kaufman nasceu em 1896. Seu interesse por literatura e artes o levou ao contato com a intelectualidade local, adotando o pseudônimo Dziga Vertov. Com este nome, Denis fazia menção ao moto contínuo, ao movimento perpétuo. (OLIVEIRA, 2012, on line)

³ Cineasta cuja produção (seis longas-metragens) é pouco abundante, mas foi com frequência acolhida favoravelmente pela crítica internacional (cf. AUMONT; MARIE, 2003, p. 283).

⁴ Cineasta, crítico, ensaísta, poeta, desenhista e escritor brasileiro autodidata, Glauber Rocha não fez, em sua obra, distinção entre teoria e prática. Seus artigos sobre cinema são um apelo à ação revolucionária, do mesmo modo que seus filmes são definidos por ele mesmo como “manifestos práticos” de sua teoria estética. (cf. AUMONT; MARIE, 2003, p. 261).

O cinema é uma possibilidade de encontro. Encontro com mundos desconhecidos e surpreendentes – seja porque inventados, seja porque distantes de nós. A experiência do cinema não se restringe a ensinar e aprender algo, mas em ser um ponto de encontro com mundos diversos, e com diversas concepções de mundo⁵.

Nessas possibilidades, acredito que o cinema é uma linguagem direta para atingir as pessoas. Funciona como disparador de reflexões e de ideias, abrindo espaço para a criticidade perante aos fatos. Ao participar das reuniões nos grupos de Alcoólicos Anônimos, pude entender que a produção de um curta-metragem sobre essa temática, antes de ser uma criação artística, era, antes de tudo, um trabalho social e humanitário, pois se tratava de mostrar aquilo que a sociedade insiste em disfarçar, ocultar.

4. PRÉ-PRODUÇÃO

Chegava o momento de reunir o material de pesquisa com o processo de construção de cenas. Articular os elementos conceituais com a proposta filmica requer um envolvimento mais próximo dos aspectos práticos. Pensar nas locações para compreender como serão executados os planos, a partir das referências cinematográficas, dependeu de contatos para visitações em espaços para as cens externas e internas.

Como as cenas seriam gravadas separadas das entrevistas, a ideia de um set barulhento não estava descartada. Dessa maneira, as ações propostas para o ator foram direcionadas somente no dia da gravação, sem a necessidade de uma preparação de elenco previamente. Elementos do figurino foram acordados entre o ator e eu, já que não tínhamos a necessidade de realizar aluguéis ou compras, aproveitamos as vestimentas que o ator dispunha em seu uso pessoal.

A captação de recursos foi realizada perante a uma empresa que aceitou a proposta de trabalho, oferecendo uma determinada quantia em dinheiro, com a contrapartida de incluir a logomarca em uma cartela do curta-metragem. Esse patrocínio foi utilizado para o pagamento da diária de trabalho dos membros da equipe e do ator, incluindo, ainda, os custos com transporte e alimentação.

⁵ W. Dilthey dedicou um importante ensaio a essa questão, no qual explica que: “As mundividências desenvolvem-se em condições diversas. O clima, as raças, as nações determinadas pela história e pela formação estatal, as delimitações de épocas e períodos temporalmente condicionadas, em que as nações entre si cooperam, congregam-se para gerar as condições que actuam na origem da multiplicidade das concepções do mundo. A vida que brota em condições tão especializadas é muito diversificada, e assim o é também o próprio homem, que apreende a vida. E a estas diversidades típicas acrescentam-se as dos indivíduos singulares, do seu meio e da sua experiência vital. Assim como a Terra está coberta de inumeráveis formas de seres vivos, entre os quais se desenrola uma luta constante pela existência e pelo espaço mais amplo, assim se desenvolvem no mundo humano as formas da concepção do mundo e lutam entre si em vista do poder sobre as almas.” (DILTHEY, 2020, p. 17)

5. FOTOGRAFIA

Desconstruir e construir a ideia de audiovisual é um viés que pretendo seguir. Partirei da concepção de registro de imagens desvinculadas da captação de som. As imagens foram feitas em um dia de gravação, com a participação de, apenas, um ator que foi o responsável pela interpretação e representação das ações dramáticas baseando-se em estímulos visuais, sonoros e outros, previamente concebidos pelo diretor do curta-metragem. Não teve texto algum, apenas ações em locações diversas (rua, bar, igreja, residência, grupo do AA).

Cada cena gravada ocorreu, na maioria das vezes, com a câmera na mão, com alguns planos-sequência, fazendo uso da mobilidade da câmera e da composição dos espaços. A preocupação maior foi de não mostrar o rosto de ninguém, exceto do ator, respeitando o anonimato dos grupos de Alcoólicos Anônimos.

Tenho como principal fonte de pesquisa a oralidade dos membros do AA, reconhecendo a importância desses relatos na história de suas vidas. Além disso, tomo também como referência um levantamento de material bibliográfico e filmográfico que pôde também embasar o trabalho.

Alguns teóricos da imagem me auxiliaram teoricamente na composição dos planos, na compreensão da linguagem contemporânea sobre cinema e na legibilidade das imagens. Nesse sentido, Georges Didi-Huberman, na esteira do pensamento de Walter Benjamin, resume da seguinte maneira o gesto de construção da legibilidade das imagens:

Não se “resolvem” os “problemas das imagens” pela escritura ou pela montagem. Escrita e montagem permitem, antes, oferecer às imagens uma legibilidade, o que supõe uma atitude duplamente dialética (na condição, certamente, de compreender com Benjamin que dialetizar não é sintetizar, nem regular, nem “resolver”): não cessar de arregalar nossos olhos de crianças diante da imagem (aceitar a provação, o não saber, o perigo da imagem, a falha da linguagem) e não cessar de construir, como adultos, a “conhecibilidade” da imagem (o que supõe o saber, o ponto de vista, o ato de escritura, a reflexão ética). Ler é ligar essas duas coisas (...), como na vida de nossas faces nossos olhos não cessam de se abrir e de se fechar (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 70).

Com os realizadores, a concepção de planos se dá em outra vertente. A contribuição de Jean Rouch e Eduardo Coutinho na

linguagem cinematográfica referente aos planos e a estrutura filmica, atravessaram minhas percepções.

Rouch propõe a antropologia compartilhada, em que os personagens não deveriam ser vistos somente como objetos de estudo, mas como sujeitos de uma realidade. Assim, nada de representação ou cortes e predomínio da câmera na mão. Aparece à relevância da oralidade, que, unida às técnicas do plano e som direto por ele implementado, contribuiu para o nascimento da *Nouvelle Vague*

francesa, que pode ser vista na filmografia de Godard. Nesse caso, retiro o som direto como escolha estética na construção das cenas.

O cinema de Coutinho sempre foi caracterizado pela entrevista. O nome de Eduardo Coutinho ocupa páginas centrais na história do cinema documentário brasileiro. Conhecido pelas entrevistas com pessoas anônimas, seus filmes revolucionaram a produção no gênero: ajudaram a derrubar o mito da neutralidade dos documentários e desfizeram a separação entre o diretor e os personagens. Desfaço um pouco isso ao inserir as entrevistas nas imagens de maneira à posteriori.

Um trabalho artístico com conotações ficcionais, mas que abre discussões acerca de sua classificação. É nessas possibilidades que o artista desenvolve sua obra, com os múltiplos olhares dos espectadores. Nesse sentido, Herbert Read deduz que, se existe um tipo de indivíduo melhor que outros, este seria o artista, muito embora admitindo que não existe um tipo “artístico”, pois:

Todos os tipos tem sua atitude artística (isto é, estética), os seus momentos de desenvolvimento espontâneo, de actividade originativa. Todo homem é uma espécie característica de artista e, na sua actividade originativa, no seu jogo ou trabalho (e numa sociedade natural, já o dissemos, não deve haver distinção entre a psicologia do trabalho e a do jogo), está a fazer mais do que a exprimir-se: está a manifestar a forma que a nossa vida comum devia tomar na sua revelação (READ, 2007, p. 372).

Nesse sentido, Pasolini se expressa:

Nada como fazer um filme obriga a olhar as coisas. O olhar de um literato sobre uma paisagem, campestre ou urbana, pode excluir uma infinidade de coisas, recortando do conjunto só as que o emocionam ou lhe servem. O olhar de um cineasta - sobre a mesma paisagem - não pode deixar, pelo contrário, de tomar consciência de todas as coisas que ali se encontram, quase as enumerando. De fato, enquanto para o literato as coisas estão destinadas a se tornar palavras, isto é, símbolos, na expressão de um cineasta as coisas continuam sendo coisas: os signos do sistema verbal são, portanto simbólicos e convencionais, ao passo que os signos do sistema cinematográfico são efetivamente as próprias coisas, na sua materialidade e na sua realidade. (PASOLINI, 1982, p. 23)

Assim, a compreensão audiovisual a partir do cinema é, transversalmente, vinculada a competências de outras artes, como a fotografia, pois trabalha com uma série de noções de ótica, proporcionalidade, ângulos, enquadramento etc.

Dentre as várias referências cinematográficas em relação à fotografia, destaco uma obra. Para a composição das imagens encontrei no filme *Trainspotting* (1996, 94min) de Danny Boyle, dois planos que serviram de referência para uma cena externa e outra interna. No Cabeceira de mesa, o plano em que a personagem caminha cambaleante próximo a um muro, remete ao plano da personagem Mark Renton, constipado.

Figura 2 – Trainspotting (1996)



Fonte: Frame do filme

O outro plano em que a personagem está deitada na cama, após uma bebedeira, associa-se ao plano da personagem Renton, no período de abstinência com as drogas.

Figura 3 - Trainspotting (1996)



Fonte: Frame do filme

6. SOM

Em relação ao som, entrevistas foram realizadas com membros do AA, captadas por um gravador portátil. Tivemos a preocupação de transformar o quarto em um estúdio de som, dentro de nossas limitações e possibilidades. Apesar de usarmos um microfone direcional na captação, percebemos nos áudios que vários ruídos estiveram presentes. Foi necessário fazer um tratamento no som, afim de não comprometer os depoimentos dos entrevistados.

Em um dia de gravação, foi feito um apanhado de relatos dos entrevistados como se eles estivessem falando na cabeceira de mesa. Essa orientação se deu para que não houvesse um possível

incômodo e que os relatos saíssem com naturalidade. Foram reservados quinze minutos de fala, podendo se estender além do tempo estipulado. Quando foi necessário, foram feitas perguntas para estendermos a fala, obtendo, assim, mais material para análise na montagem.

A junção de imagem e som, em *voz-off*, ocorreu na montagem, acrescido de sons diversos e eventuais trilhas sonoras. A escolha de inserir o som nas imagens veio da referência na cinematografia de Jean Rouch, ao não articular o som as imagens.

No sentido da captação, esse recurso foge da referência em Rouch, já que este utilizava a captação de som direto, em entrevistas, diálogos e ambientes. A não sincronização das imagens com os sons aproxima-se da proposta rouchniana.

A referência de captação do som dos entrevistados dialoga com a ideia documental de Eduardo Coutinho. As conduções das entrevistas por meio de perguntas, explorando o contexto e situações, marcaram os seus trabalhos. Foi uma opção não inserir as perguntas, diferente de Coutinho, no processo de montagem.

Em determinados momentos, as imagens se relacionam com o som e vice-versa, mas na grande maioria dos planos, não ocorre essa simbiose. A narrativa sonora independe da imagem, mas, ao mesmo tempo se aproxima, formando um mosaico de sensações sonoras e visuais. O termo audiovisual, ganha uma nova conotação, aproximando-se de uma experimentação, sem perder a narrativa ficcional.

Foram pensadas as inclusões de trechos de três músicas de autores, cada uma em seu universo de abrangência, sendo divulgadas, em sua época, a nível mundial, nacional e regional (Tomaso Albinoni, Noel Rosa, Lauro Maia, respectivamente), todas elas pertencentes ao domínio público, para comporem a narrativa do filme. Durante a pesquisa, procuramos músicas que tivessem relação com os ambientes das imagens e ações, aproximando a estética do cinema clássico.

Como tivemos um vasto material de relatos, ficou muito difícil a edição e escolha de trechos. Com um material de, aproximadamente, 100 minutos, se consolidou em pouco mais de 10 minutos. Por esse motivo fiz a escolha de incluir as entrevistas e a trilha sonora, sem deixar momentos de silêncio, que dariam a ideia de suspensão, para não perder, ainda mais, relatos que foram tão preciosos. Até o tempo de execução das músicas foram cronometradas, para não perder esse fluxo intenso de afetividade nos relatos de experiências dos entrevistados. Essa decisão foi tomada na pós-produção.

7. EQUIPE

Tenho uma forma de trabalhar, prática e objetiva. Em trabalhos anteriores e nesse não foi diferente, optei em um trabalho com equipe reduzida. As funções e os participantes estavam pré-estabelecidos, mas, ocorreu a supressão da função de assistente de direção e do produtor. Acumulei algumas funções sem esquecer o trabalho em conjunto com os outros membros da equipe.

Assim sendo, Saulo Monteiro fez a fotografia no dia da gravação das imagens, feita essa escolha, pela sua ampla experiência e sua habilidade em cenas externas, principalmente. Rafael de Jesus ficou responsável pelo som direto no dia das entrevistas com os membros do AA. A montagem ficou a cargo do Thiago Barbosa, realizando, dentre outras coisas, a correção do som e a ambientação sonora.

É importante salientar que repassei para a equipe, somente o projeto do curta-metragem, sem expor nenhuma outra orientação. Parti do pressuposto da criação em conjunto, principalmente na fotografia e montagem. Assim como Jean Rouch pensava a imagem seguinte enquanto estava gravando, fomos criando a partir das percepções e condições do momento, dentro das limitações que o equipamento permitia.

8. ELENCO

Com uma atuação solo, Cicero Teixeira foi o ator escolhido. Outras duas pessoas, não atores, aparecem nas imagens para compor o quadro e a narrativa em, apenas, dois planos. Assim como a equipe, não foi repassada nenhuma informação, além do projeto.

Nos momentos próximos da cena gravada, repassava algumas orientações. A direção de ator ocorria durante a gravação, já que não utilizamos a captação de som no dia das imagens. A criação na ação também estava compartilhada entre equipe e ator. Momentos performáticos foram captados, sendo alguns editados na montagem, por não caberem na narrativa.

9. ARTE

Como as cenas foram gravadas em locações diferentes, cada uma teve seu aspecto de composição do quadro e disposição dos objetos de cena. Os elementos de cena foram estabelecidos na pré-produção e no dia de gravação. Os ambientes onde se passam as cenas, tem características naturais e minimalistas, na maioria dos planos, tanto nas cenas externas, quanto nas internas.

A disposição dos objetos no primeiro plano na locação do bar foram dispostos como pano de fundo, evidenciando a ação e a narrativa de abertura do filme. Elementos do bar associam-se ao estado de decadência da personagem, mostrando ainda, a fragilidade que este lida com a situação em que se encontra. A garrafa de cachaça representa, ao mesmo tempo, a companheira inseparável e a algoz do seu martírio.

Em vários momentos do filme vemos a presença de objetos de contexto religioso. Faz-se a alusão à espiritualidade que, de alguma forma, o auxilia na busca de um caminho a seguir, longe do álcool. O sagrado e o profano estão presentes nas ações, mas, aos poucos, o mundo espiritual se esvai, dando lugar a mundo mais espiritualizado.

Os objetos que compõem os planos que aparecem à cabeceira de mesa, se adequam a cena. No bar temos o copo de cachaça e um limão cortado em uma bandeja. Na cozinha temos uma xícara de café sobre um pano de mesa. Na igreja a mão está pousada em uma toalha que cobre o altar. E, por fim, as fichas que simbolizam a recuperação do alcoolismo no A.A.

No que se referem ao figurino, as vestimentas são simples, adequando-se as situações e ações vividas pela personagem. Ocorre uma mudança nos estilos de se vestir da personagem, na medida que se aproxima de um estado de recuperação. Da bermuda, blusa, chinelo nas cenas do bar, rua e casa, para a calça, sapato, camisa, nas cenas da igreja e Da reunião no grupo de A.A. Os cabelos longos estão soltos nas cenas de decadência e de embriaguez da personagem, ficando presos nas cenas de transição para a redenção ou a busca dela.

Na cena final, no grupo de Alcoólicos Anônimos, temos a mesa do coordenador das reuniões com a toalha de mesa do A.A, com vários livros referentes à literatura da irmandade, sobre ela. Tanto os livros, quantos as fichas, permaneceram no mesmo local que ficam dispostas em dia de reunião do grupo.

A utilização de objetos de cena não foi necessária nos planos da rua, igreja e grupo de A.A. Aproveitamos os elementos que fazem parte do local para compor os quadros na narrativa filmica. Organização e inclusão dos objetos de cena foram utilizadas nas cenas ocorridas no bar e na residência.

As demais foram compostas durante os atos de criação. Nesse sentido, são ferramentas que tem uma conotação operativa e, portanto, são tão reais quanto os objetos por eles expressos (cf. DELEUZE, 1990, p. 43). O autor explica isso numa palestra que se tornou um videotexto intitulado *O ato de criação*:

É preciso que haja uma necessidade, tanto em filosofia quanto nas outras áreas, do contrário não há nada. Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade. Essa necessidade — que é uma coisa bastante complexa, caso ela exista — faz com que um filósofo (aqui pelo menos eu sei do que ele se ocupa) se proponha a inventar, a criar conceitos, e não a ocupar-se em refletir, mesmo sobre o cinema (DELEUZE, 1999, p. 3).

10. GRAVAÇÕES

Como já foi mencionado, tivemos as gravações realizadas em dois dias, com imagem e som sendo captadas em dias distintos. A ordem do dia foi seguida de maneira precisa.

Em relação às imagens, foram gravadas com uma câmera DSRL, no primeiro dia em cinco locações. No período da manhã tivemos gravações no bar e na rua. Na tarde, foram realizadas na casa, igreja e Grupo de AA. Todas as locações estavam situadas no bairro Antônio Bezerra no município de Fortaleza.

Não fizemos uso de claque e em alguns planos usamos a câmera no tripé. Em vários planos a personagem está com a mão sobre uma cabeceira de mesa (bar, casa igreja, grupo de AA), fazendo alusão ao local de fala durante as reuniões da irmandade.

Figura 4 – Cabeceira de mesa



Fonte: Frame do curta-metragem

A luz natural esteve presente em grande parte, sendo utilizada a luz artificial em poucas situações. Todas as cenas ocorreram durante o dia, exceto na cena final que ocorreu no início da noite no Grupo São Vicente.

Em relação ao som, foram captados no segundo dia de gravações, no turno da manhã. Foram reunidos em uma casa os seis entrevistados. Um quarto foi reservado e equipado com gravador portátil, microfone direcional em um tripé e uma mesa de som. Cada um por vez adentrava para a entrevista. Como o tempo de fala na cabeceira de mesa durante as reuniões de AA tem a duração de quinze minutos, esse mesmo tempo foi estipulado para a entrevista.

10.1 Cenas externas

Todas as cenas externas foram realizadas no turno da manhã. Ocorreram no bar e na rua. Tivemos uma figuração em um plano do bar. Nos demais, o ator esteve sozinho em sua interpretação. Como essas cenas mostravam a personagem em estado de embriaguez, o movimento de câmera era

semelhante a um sujeito cambaleante, um pouco fora do eixo de equilíbrio. Em grande parte dos planos foi com a câmera na mão.

Figura 5 – Embriaguez



Fonte: Frame do curta-metragem

10.2 Cenas internas

Essas ocorreram no turno da tarde e início da noite nas seguintes locações: casa, igreja, grupo de AA. Em alguns planos na casa fizemos uso da luz artificial. Na igreja não foi necessário. Já no grupo de AA, fizemos a utilização, devido à chegada da noite. Tivemos uma segunda figuração em um plano da casa e um pequeno plano-sequência. O recurso do contra-plongée foi realizado em um dos dormitórios da casa.

11. MONTAGEM

Sabendo da importância da etapa de pós-produção e que, no desenvolvimento da linguagem cinematográfica, tornou-se o momento de maior expressão de um filme, tomamos os cuidados necessários que essa etapa requer. Tudo aquilo que se foi pensado desde a ideia inicial até o processo de gravação, foi afinado e corrigido nessa atividade.

Na pós-produção ocorreu uma junção das imagens e das entrevistas captadas, como foi mencionado anteriormente, foram realizadas em dias e momentos diferentes, sem a utilização de instrumentos de captação de som juntamente com a gravação das imagens. A primeira preocupação se deu no ato de compor a linguagem, ao fazer a simbiose das duas narrativas distintas: imagem e som.

Para não transparecer que os áudios das entrevistas haviam sido “colados” nas imagens, acrescentamos ambiências e alguns *foley*, para dar materialidade nas cenas gravadas. Esse recurso se tornou fundamental para não aproximar-se da linguagem de um videoclipe que usualmente configuram nesse formato.

As músicas foram inseridas de acordo com a *raccord*, o ritmo e a narrativa. Serviram como eixos de transição, contribuído na continuidade e num leve momento de quebra de narrativa, aliviando, de certa forma, a carga dramática que o tema sugeria. A mixagem foi realizada de acordo com os planos, modulando sua intensidade e volume de acordo com o ritmo da cena.

Devido a um problema técnico de imagem (a lente ficou suja com uma mancha) que não percebemos no momento da gravação, foi necessário excluir dois planos-sequência, fato este que não prejudicou a narrativa e nem a *raccord*. Acredito que essas decisões, quando tomadas, auxiliam para obter consistência na dinâmica de montagem, mas deixam um vazio, pois quando um plano “cai”, é como se um pedaço do corpo, não só do filme, fosse junto. É algo que aproximamos, apropriamos e se deixa ir, como algo que não voltará. Isso é uma espécie de angústia estética-existencial. Como as personagens de Kafka.

Pode dizer que os personagens Kafkianos possuem desesperança contínua que homem de seu tempo, carregava no mundo em que vivia. Por isso, trazem consigo uma beleza singular observada no romance, mas que poderiam muito bem ser transportados para o drama, para a ação.

No penúltimo capítulo, K. ‘ parou nos primeiros bancos, mas para o padre a distância ainda era excessiva. Estendeu a mão e mostrou com o indicador um lugar próximo do púlpito. K o seguiu até esse lugar, precisando inclinar a cabeça fortemente para trás a fim de ver o padre (BENJAMIN, 1994, p. 146, grifos do autor)

Planos curtos mesclados com planos mais longos foi uma decisão estética já que o filme possui elementos característicos do cinema clássico e, em alguns momentos se dialoga com o cinema moderno e contemporâneo. Longe de uma tentativa de enquadramento estético, mas uma possibilidade de atravessamentos múltiplos. Para além da tela e das limitações.

(...) a tela, ou mais exatamente o que chamarei, mais amplamente e mais conceitualmente, de “a forma-tela”, está longe, muito longe, de constituir a prerrogativa exclusiva do campo do cinema, mesmo que seja uma espécie de apoteose ou quintessência (GONÇALVES, 2014, p. 123)

As cartelas iniciais do filme aparecem em preto e no final em branco, dando sentido a ideia da personagem saindo da escuridão e encontrando a luz. Não utilizei *fade in* e *fade out* nas transições de um plano ao outro, por entender que comprometeria o ritmo e a estética do filme. Alguns planos tiveram a sua duração encurtada para desenvolver o ritmo e sincronização com os áudios das entrevistas.

12. CONCLUSÃO

Há quem profetize que A.A. poderia muito bem se tornar uma nova ponta de lança para um despertar espiritual em todo o mundo. Ao dizerem isso, estão sendo tanto generosos quanto sinceros. Devem considerar que essa homenagem e essa profecia podem se converter num gole embriagante, se realmente acreditarmos que este é o propósito de A.A., e se começarmos a nos comportar de acordo.

“Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber” (Terceira Tradição). Assim, ser membro de um grupo não requer qualquer formalidade. São membros de A.A. se disser que são; da mesma maneira, será membro de um grupo se disser que o são. Dois ou três alcoólicos quaisquer, reunidos em busca de sobriedade, podem se autodenominar um grupo de A.A., desde que, como grupo, não tenha qualquer outra afiliação.

Nessa Sociedade irá, portanto ater-se prudentemente à sua única finalidade: transmitir a mensagem ao alcoólico que ainda sofre. A maioria dos membros de A.A. reúnem-se em grupos como definidos na forma longa da Terceira Tradição. Entretanto, alguns membros encontram-se em reuniões que diferem do entendimento comum de um grupo. Estes membros simplesmente juntam-se num determinado horário e local para uma reunião, talvez por conveniência ou outras situações especiais.

Nesse contexto que o filme se ambienta. Dentro da perspectiva da personagem, que a transição de uma vida ligada ao consumo de álcool projeta-se em uma possibilidade de redenção, como uma espécie de purificação espiritual de um ser angustiado pelos males causados pelas bebidas alcoólicas.

O curta-metragem Cabeceira de mesa tem um papel social, ao mesmo tempo em que lida com questões espirituais, humanistas e existenciais. Assuntos delicados, sofridos, por aqueles envolvidos de maneira direta e indireta, mas que encontraram na irmandade um lugar de refúgio e de escuta, para auxilia-los na busca de um tratamento, de uma cura, da doença do alcoolismo.

O propósito de todas as reuniões dos grupos de A.A. é para que os membros compartilhem suas experiências, forças e esperanças, uns com os outros, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O coordenador do Grupo de A.A. pode solicitar aos participantes que restrinjam seus depoimentos às questões pertinentes à recuperação do alcoolismo. Sejam abertas ou fechadas, as reuniões são coordenadas por membros que determinam o formato de suas reuniões.

Desde seus primeiros dias, A.A. tem assegurado o anonimato pessoal a todos os que frequentam suas reuniões. Como os fundadores e primeiros membros de A.A. também eram alcoólicos em recuperação, eles sabiam por experiência própria o quanto a maioria dos alcoólicos se sentia envergonhado quanto a seu modo de beber, e o quanto receava expor-se ao público. O estigma social do alcoolismo era enorme, e os primeiros membros de A.A. perceberam que uma rigorosa garantia de confidencialidade era imperativa se quisessem ter sucesso na tarefa de atrair e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

Com o passar dos anos o anonimato provou ser uma das maiores contribuições que A.A. oferece ao alcoólico que ainda sofre. Sem ele, muitos nunca assistiram à sua primeira reunião. Embora o estigma tenha, até certo ponto, diminuído, a maioria dos recém-chegados ainda acha a admissão de seu alcoolismo tão dolorosa que prefere fazê-lo num ambiente protegido.

Por essas razões e considerações é que o anonimato foi respeitado ao se decidir não exibir imagens dos membros da irmandade, apenas as falas em depoimentos, sem se fazer referência alguma, nem nos créditos do filme, de seus frequentadores.

Ao acentuar a igualdade de todos os membros de A.A. – e a sua unidade no propósito comum de recuperar-se do alcoolismo – o anonimato serve como alicerce espiritual da Irmandade. Em 1946 o co-fundador Bill W. escreveu: “A palavra ‘anônimo’ tem para nós um enorme significado espiritual. De forma sutil mas poderosa, ela nos lembra que sempre devemos colocar os princípios acima das personalidades; que renunciamos a toda glória pessoal em público; que nosso movimento não apenas prega, mas realmente pratica a verdadeira humildade”.

Antes de falar da história dos Alcoólicos Anônimos, o curta-metragem tem esta função social, de ser receptivo e acolhedor, para que mais pessoas procurem o tratamento dessa doença progressiva, irreversível e de consequências fatais.

Foi bom você ter vindo. Volte sempre. Amanhã teremos uma nova reunião neste mesmo local e na mesma hora, venha outra vez. Você é bem-vindo e ficaremos contentes e felizes se você voltar. Simples como água, mas, não obstante, profundo como um abismo. A mensagem que é passada é a de que, aqui, no grupo de A.A., você é desejado, você será sempre bem recebido. Você é um ser humano que tem valor, nós sabemos disso, e também que você é um doente e que é importante para nós, membros do grupo. Com o tempo, o recém-chegado vai perceber que, no grupo, não é visto como um renegado, como portador de um mau caráter e, mais tarde, vai entender que é apenas portador de uma doença. (Relato de um membro de A.A.)

REFERÊNCIAS

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. **Literatura: literatura aprovada pela Conferência de Serviços Gerais de A. A.** São Paulo: JUNAAB, s/d.

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. **Alcoólicos Anônimos em sua comunidade: Como a Irmandade de A.A. trabalha em sua comunidade para ajudar alcoólicos.** São Paulo: JUNAAB, 1966.

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. **Alcoólicos Anônimos: A história de como milhares de homens e mulheres se recuperaram do alcoolismo.** São Paulo: JUNAAB, 2004.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema.** Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. Campinas – SP: Papirus, 2003.

BERNARDET, J. C. **Cineastas e imagens do povo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema.** Tradução: Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema 2.** Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação.** Palestra de 1987. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 26/06/1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo perdido.** Belo Horizonte: UFMG, 2018.

DILTHEY, Wilhelm. **Os tipos de concepção do mundo.** Tradução: Artur Morão. Coimbra: Lusosofia, 2020.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta.** Tradução do autor. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

GONÇALVES, Osmar (org.) **Narrativas Sensoriais.** Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia.** Traduzido por Álvaro Luiz de Montenegro Valls. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LINS, C. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MIGLIORIN, Cezar (org). **Ensaios do Real.** Rio de Janeiro-RJ: Beco do Azougue, 2010.

NICHOLS, Bill. **A Voz do Documentário.** In: RAMOS, Fernão Pessoa. (org). Teoria Contemporânea do Cinema. São Paulo: Senac, 2005.

OLIVEIRA, R.A. **Dziga Vertov: um cineasta e sua revolução particular.** Revista online RUA – Revista Universitária do Audiovisual (UFSCar), 2012.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo hereje.** Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Assírio & Alvin, 1982.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** estética e política. São Paulo: Ediouro. 2005.

READ, Herbert. **Educação pela arte.** Tradução: Ana Maria Rabaça e Luís Filipe Teixeira. Lisboa: Edições 70, 2007.

XAVIER, Ismail. (2013). **Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna.** Comunicação & Informação, 7(2), 180-187.

APÊNDICES

Apêndice 1

Doze Passos

“Os Doze Passos de AA são princípios para *recuperação pessoal*” (Alcoólicos Anônimos, 2004, p. 217).

Quadro I: Relação dos Doze Passos

1º passo	Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2º passo	Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sobriedade.
3º passo	Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que o concebíamos.
4º passo	Fizemos um minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
5º passo	Admitimos, perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
6º passo	Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7º passo	Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
8º passo	Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9º passo	Fizemos reparações diretas pelos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.
10º passo	Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11º passo	Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O entendíamos, rogando apenas o conhecimento de sua vontade em relação a nós e forças para realizar essa vontade.
12º passo	Tendo experimentado um despertar espiritual graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Fonte: www.alcoolicosanonimos.org.br, consultado em 26/05/2005.

Apêndice 2

Doze Tradições

“As ‘Doze Tradições’ de Alcoólicos Anônimos são, acreditamos, as melhores respostas que nossa experiência já deu às perguntas cada vez mais urgentes: ‘Como AA pode atuar melhor?’ e ‘Qual a melhor maneira de AA permanecer unido e sobreviver? A seguir apresentamos as ‘Doze Tradições’ na chamada ‘forma resumida’, de uso geral atualmente. Trata-se de uma versão condensada da ‘forma integral’ publicada pela primeira vez em 1946” (Alcoólicos Anônimos, 2004, p. 205).

Quadro II: Relação das Doze Tradições

1ª Tradição	Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de AA.
2ª Tradição	Somente uma autoridade preside, em última análise, ao nosso propósito comum – um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não tem poderes para governar.
3ª Tradição	Para ser membro de AA, o único requisito é o desejo de parar de beber.
4ª Tradição	Cada grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros grupos ou a AA em seu conjunto.
5ª Tradição	Cada grupo é animado de um único propósito primordial – o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.
6ª Tradição	Nenhum grupo de AA deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de AA a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso objetivo primordial.
7ª Tradição	Todos os grupos de AA deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.
8ª Tradição	Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.
9ª Tradição	AA jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.
10ª Tradição	Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome AA jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.
11ª Tradição	Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.
12ª Tradição	O anonimato é o alicerce espiritual das nossas tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

Fonte: Alcoólicos Anônimos, 2004.

Apêndice 3

Doze Conceitos

“Escritos em 1962 pelo co-fundador de AA, Bill W., os *Doze Conceitos para Serviços Mundiais* constituem um conjunto de princípios inter-relacionados para ajudar a garantir que vários elementos da estrutura de serviços de AA mantenham-se comprometidos com e responsáveis perante aqueles a quem servem. A forma ‘curta’ dos Conceitos que é apresentada a seguir foi redigida em 1974 pela Conferência de Serviços Gerais” (Alcoólicos Anônimos, 2004, p. 217).

Quadro III: Relação dos Doze Conceitos

1º Conceito	A responsabilidade final e a autoridade suprema pelos serviços mundiais de AA devem sempre recair sobre a consciência coletiva de toda a nossa Irmandade.
2º Conceito	A Conferência de Serviços Gerais de AA tornou-se, para praticamente qualquer propósito prático, a voz ativa e a efetiva consciência de toda a nossa Sociedade em seus assuntos mundiais.
3º Conceito	Para garantir que haja efetiva liderança, devemos dotar cada elemento de AA – a Conferência, a Junta de Serviços Gerais e suas diversas corporações de serviços, quadros de funcionários, comitês e executivos – com um tradicional “Direito de Decisão”.
4º Conceito	Devemos manter, em todos os níveis de responsabilidade, um tradicional “Direito de Participação”, permitindo a representação através do voto numa proporção correspondente à responsabilidade de cada um.
5º Conceito	Em toda nossa estrutura deve vigorar um tradicional “Direito de Apelação”, garantindo assim que a opinião da minoria seja ouvida e reclamações pessoais sejam cuidadosamente consideradas.
6º Conceito	A Conferência reconhece que a iniciativa principal e a responsabilidade ativa na maioria dos assuntos relativos aos serviços mundiais devem ser exercidas pelos custódios membros da Conferência, agindo enquanto Junta de Serviços Gerais.
7º Conceito	A Ata de Constituição e os Estatutos da Junta de Serviços Gerais são instrumentos legais conferindo poderes aos custódios para administrar e conduzir os assuntos de serviços mundiais. A Ata de Constituição da Conferência não é um documento legal: ela depende da força da tradição e das finanças de AA para efetivar-se.
8º Conceito	Os custódios são os principais planejadores e administradores das diretrizes gerais e das finanças. Eles detêm a supervisão e a custódia dos serviços incorporados em separado e dos serviços permanentes, exercendo-as através de seu poder de eleger todos os diretores destas entidades.
9º Conceito	Bons líderes de serviço em todos os níveis são indispensáveis para nosso funcionamento e segurança futuros. A principal liderança dos serviços mundiais, antes exercida pelos fundadores de AA, deve necessariamente ser assumida pelos custódios.
10º Conceito	A toda responsabilidade de serviços deve corresponder uma autoridade equivalente – devendo o escopo de tal autoridade ser

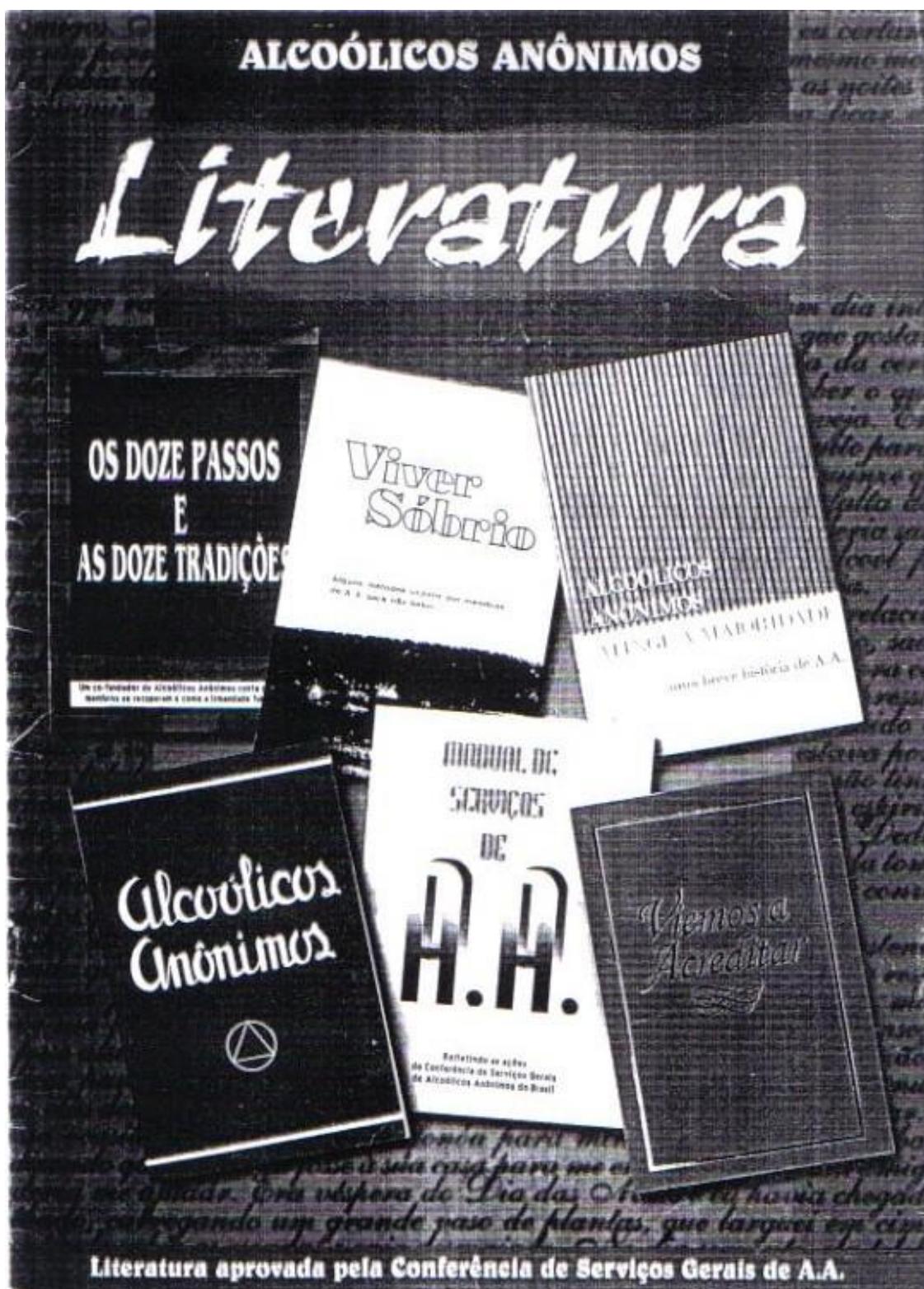
	bem definido.
<i>11º Conceito</i>	Os custódios devem sempre contar com os melhores comitês, diretores de serviços incorporados, executivos, funcionários e consultores que seja possível. A composição, as qualificações, os procedimentos de integração de novos quadros e seus direitos e deveres sempre serão objeto de sérios cuidados.
<i>12º Conceito</i>	A Conferência deve observar o espírito da tradição de AA tomando cuidado para que jamais se torne sede de riqueza ou poder perigosos; que fundos e reservas suficientes sejam seu prudente princípio financeiro; que nenhum de seus membros seja colocado em posição de autoridade inadequada sobre outros; que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade; que suas ações jamais sejam pessoalmente punitivas ou incitem à controvérsia pública; que nunca desempenhe qualquer ato de governo, e que, da mesma forma que a Sociedade à qual serve, permaneça sempre democrática em pensamento e ação.

Fonte: Alcoólicos Anônimos, 2004.

ANEXOS

Anexo 1

Catálogo completo da Literatura Oficial dos Alcoólicos Anônimos (15 folhas)



PREÂMBULO

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.

O único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de A.A. não há necessidade de pagar taxas ou mensalidades; somos auto-suficientes, graças às nossas próprias contribuições.

A.A. não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum partido político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apóia nem combate quaisquer causas.

Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

Direitos autorais de The A.A. Grapevine, Inc; publicado com permissão:

COMO USAR ESTE CATALÓGO

Este catálogo contém toda a literatura aprovada pela Conferência de Serviços Gerais de A.A.

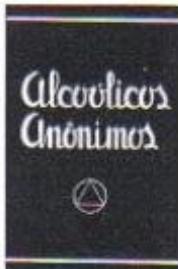
Está dividido da seguinte forma:

- Livros
- Áudios e Vídeos
- Periódicos
- Livretos e Folhetos
 - dirigidos ao público em geral
 - de âmbito interno e para pesquisas ou reportagens sobre A.A.

Foi feito pensando em facilitar a procura do material desejado, seja de folhetos ou livretos indicados para o público em geral, seja de manuais específicos dirigidos aos nossos servidores.

Cada livro, livreto ou folheto aqui apresentado possui um resumo que explica o conteúdo da publicação, bem como o número de páginas e outras informações importantes.

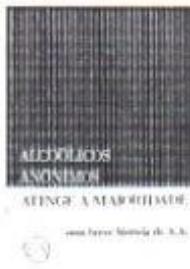
Esta literatura pode ser adquirida nos Grupos, Centrais e Intergrupais de Serviços de A.A. de sua cidade.



Alcoólicos Anônimos

Cód. 102 - 14 x 21 cm - 265 páginas

Publicado pela primeira vez em 1939, nos Estados Unidos, originalmente traduzido para mais de trinta idiomas e tendo atingido a marca de mais de um milhão de exemplares vendidos, esta é a primeira literatura oficial de Alcoólicos Anônimos, feita com o objetivo de "demonstrar a outros alcoólicos exatamente como nos recuperamos".



Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade

Cód. 101 - 14 x 21 cm - 307 páginas

Foi escrito por Bill W., este livro traz uma breve história do nascimento e desenvolvimento de Alcoólicos Anônimos e destina-se a todos aqueles que estão interessados em conhecê-la. A primeira edição data de 1957 e, em língua portuguesa, de 1984. Um resumo cronológico dos acontecimentos mais significativos abre a publicação. A partir daí, seu conteúdo histórico não obedece mais à cronologia, mas enfatiza os desenvolvimentos dos três principais báixos da Irmandade: Recuperação, Unidade e Serviço (os "Três Legados de A.A.")

Viver Sóbrio

versão actualizada, revisada e aumentada de A.A. Comes of Age.



Viver Sóbrio

Cód. 103 - 14 x 21 cm - 119 páginas

Vendende manual de sobrevivência para alcoólicos e alcoólicas, particularmente nas fases iniciais de sua recuperação, este livro apresenta "alguns métodos usados por membros de A.A. para não beber".

Está dividido em 31 capítulos curtos e objetivos, tratando das mais variadas situações de vida diante das quais a reação habitual de qualquer alcoólico seria voltar ao copo. E sugere alternativas para que isso não aconteça, desde que a pessoa assim o deseje.

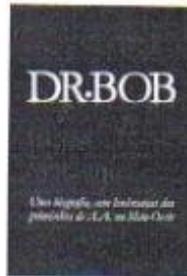


Os Doze Passos e As Doze Tradições

Cód. 105 - 14 x 21 cm - 174 páginas

Este livro expõe "uma visão clara dos princípios através dos quais os membros de A.A. se recuperam e pelos quais funcionam na Irmandade". Os "Doze Passos" — um conjunto de princípios espiritualistas em sua natureza que, se forem praticados como um modo de vida, "podem expulsar a obsessão pela bebida e permitir que o sofredor se torne integral, feliz e útil"; e as "Doze Tradições", que delimitam "os meios pelos quais A.A. manterá sua unidade e se relaciona com o mundo exterior, sua forma de viver é desenvolver-se".

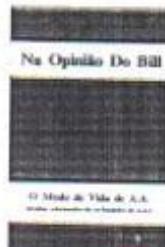
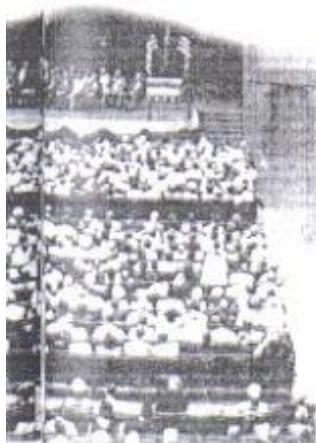




Dr. Bob e os Bons Veteranos

Cód. 116 - 14 x 21 cm - 358 páginas

Trata-se de uma biografia, com lembranças dos primórdios de Alcoólicos Anônimos na região do Meio-Oeste dos Estados Unidos. A primeira edição em inglês data de 1980 e, em português, de 1998. Inclui fatos da infância, da formação como médico, de sua família e do desenvolvimento de sua enfermidade, além de seu histórico encontro com Bill W., a descoberta da pessoa que viria a ser o "AA número três", a formação do primeiro Grupo em Akron e os primeiros desenvolvimentos de AA na região.



Na Opinião do Bill

Cód. 112 - 10 x 15,5 cm - 333 páginas

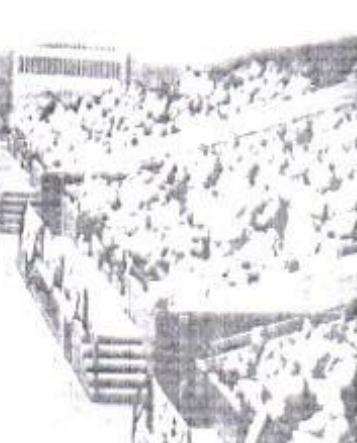
Uma vez que coube a Bill W. redigir grande parte da bibliografia inicial de Alcoólicos Anônimos, julgou-se opportuno editar um livro para mediata individual baseado nessa publicação. Assim, várias centenas de fragmentos dos livros *Alcoólicos Anônimos: O Dose Pílula e As Doses Tradicionais*, *Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade*, *Datas Concessas para Servir os Alcoólicos*, *A Linguagem do Canção* (ambos não editados em português), bem como de artigos escritos pelo autor e publicados na revista *AA Grapevine*, foram coligidos. O índice apresenta-se como "Guia para Discussão e Leitura" e está organizado por ordem alfabetica de temas. A primeira edição data de 1967 e a primeira edição brasileira foi em 1988.



Viemos a Acreditar

Cód. 114 - 14 x 21 cm - 145 páginas

Publicado pela primeira vez em 1973 (com primeira edição em português em 1996), este livro demandou cinco anos de preparação. Atendendo a um pedido do GSO (o Escritório de Serviços Gerais norte-americano), AAis das mais diversas regiões dos EUA e Canadá colocaram por escrito suas aventuras espirituais e as remeteram para serem selecionadas e publicadas. Assim, o livro opera como um "canal de expressão para a rica diversidade das convicções implícitas em 'Deus na forma em que O concebemos'".

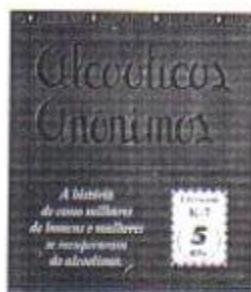


Reflexões Diárias

Cód. 111 - 10 x 15,5 cm - 381 páginas

"Este é um livro de reflexões escrito por membros de AA, para membros de AA." Este pequeno livro presta-lhe uma necessidade de colocar, no "plano das 24 horas", um conjunto de reflexões que caminhas serem pelo calendário anual. No topo de cada página há uma citação, tirada da literatura oficial da Irmandade.

Audios e Vídeos Áudios e Vídeos



6

Alcoólicos Anônimos (Áudio)

Cód. 504 - Contém 6 fitas cassete

Versão em áudio do texto básico da Irmandade, *Alcoólicos Anônimos*, em fita cassete representa maior esforço para alcançar os alcoólicos que ainda sofrem, proporcionando maior facilidade no conhecimento do modo de vida de A.A. Excelente subsídio para ser utilizado nos lares, veículos e também nos Grupos, em suas diversas reuniões, sobretudo nas de literatura.



Os Doze Passos e As Doze Tradições (Áudio)

Cód. 501 - Dois conjuntos, de cinco e de uma fita cassete

O livro supracitado existe em duas versões de áudio: um conjunto de cinco fitas-cassete, contendo os Doze Passos e as Doze Tradições, e uma versão mais antiga, composta por uma fita cassete, contendo as Doze Tradições. Para quem tem dificuldades ou falta de tempo para ler, as fitas constituem uma opção de acesso a esta literatura básica da Irmandade.



A.A. Esperança (Vídeo)

Cód. 601 - Uma fita em vídeo VHS (25 min.)

Produzido pelo CSO é dublado em português, este vídeo é um resumo para o trabalho de divulgação em empresas e instituições, como também para reuniões de novos na Irmandade. Partindo da comemoração do primeiro ano sobrenho de um membro novo de A.A., os narradores vão por intermédio dos passos principais de recuperação e dardes noções gerais sobre o funcionamento de Alcoólicos Anônimos.



Serviço: Nossa Terceiro Legado (Vídeo)

Cód. 602 - Uma fita em vídeo VHS (25 min.)

Este vídeo é próprio para uso dos membros de A.A., Grupos, CTGs e Órgãos de Serviços, ideal para auxiliar no treinamento de companheiro(as) no conhecimento inicial das atividades de divulgação. Baseado no Manual do CTG, pretende ser uma forma dinâmica de apresentação de suas comunidades: CCCP, CIP, CIT e CIC.

Periodicos Periodicos



**Vivência
(revista bimestral)**

Cad. 701 (assinatura anual); 702 (venda avulsa)
e 703 (números strandados) - 17 x 23 cm
64 páginas - periodicidade bimestral

Similar nacional da revista A.A. Grapevine norte-americana, e editada no Brasil desde 1985, a Revista Vivência não integra a literatura oficial apoiada pela Conferência Mundial, mas é impressa com a permissão da Conferência Brasileira e é propriedade da Junta de Serviços Gerais de A.A. no Brasil.

Cada número traz uma seleção de artigos escritos que foram enviados ao Comitê de Publicações Periódicas por membros da Irmandade de todas as partes do país, rendendo sempre um tema de capa e outro que inspira uma seção interna. Os temas estão ligados aos novos Três Legados: Recuperação, Unidade e Serviço, e refletem a experiência pessoal de seus autores. Há seções fixas, como por exemplo de cartas dos leitores, temas para discussão nos Grupos, divulgação da literatura oficial, piadas, eventos e a relação sempre atualizada dos Centrais e Intergrupos de A.A. nos vários Estados e Regiões do Brasil.

De interesse para membros da Irmandade, profissionais que lidam com alcoolismo em seu dia-a-dia, estudantes das Ciências Humanas e quaisquer pessoas interessadas em conhecer o modo de vida de A.A., a publicação oferece, indistintamente, uma visão panorâmica e sempre atual da Irmandade, tal como se encontra a cada momento em nosso país.



**Inseparavelmente
alcoólico**

LIVRO LIBRAS/PT-BR

A DUTRA

**Publicações da JUNAAB distribuídas gratuitamente aos Grupos e
Órgãos de Serviços de A.A. do Brasil cadastrados no ESG**



Bob Mural

31,5 x 45 cm

Boletim publicado
bimestralmente, traz
notícias da Junta de
Serviço Geral e da
Irmandade de A.A.



Informativo CTO/JUNAAB

22 x 31 cm

Publicação bimestral, produzida e editada pelo CTO da JUNAAB. Voltado para a troca de experiências de CTO em todos os níveis, com a publicação de experiências práticas, tanto de informação ao público a seminários para profissionais, como para a formação e treinamento de servidores para as diversas atividades de divulgação.



Literatura dirigida ao público em geral

As publicações abaixo poderão ser úteis tanto para alcoólicos e alcoólicas em potencial ou recém-conscientizados e a membros novatos em A.A., como para o público em geral (familiares, empregadores e amigos de pessoas portadoras da doença; empresas, instituições e profissionais interessados, órgãos de imprensa, etc.)

44 Perguntas

Cód. 208 - 10 x 23 cm
Livrete com 37 páginas



Nos tempos atuais, muitas de pessoas já ouviram falar alguma coisa a respeito de A.A. e, em geral, passaram “uma noite impressionada de que A.A. é algum tipo de organização que, de alguma forma, consegue ajudar os bêbados a parar de beber”. O livrete em epígrafe foi elaborado para os que se interessam pela Irmandade, quer para si mesmos, quer um amigo ou parente, quer poi desejarem estar melhor informadas sobre nós. Nele estão incluídas respostas a algumas perguntas que nos foram feitas frequentemente no passado, e que dão uma visão genérica sobre o alcooolismo e o modo de vida de Alcoólicos Anônimos.

Você deve procurar o A.A.?

Cód. 223 - 9 x 16,5 cm
Folheto (6 faces)



Este folheto se destina a quem nos procura pela primeira vez, suspeitando ter problemas com o álcool. Traz doze perguntas para serem respondidas individual e confidencialmente, como um auto-exame útil na identificação do alcooolismo. A experiência mostrou que a resposta positiva a quatro perguntas ou mais, indica a probabilidade de existência da doença.

A.A. é para Mim?

Cód. 236 - 10 x 23 cm
Livrete com 36 páginas (papel couché)



Esta é a versão ilustrada do folheto “Vocês devem procurar o A.A.” Reproduz as mesmas doze perguntas, visando a um auto-exame individual e confidencial, só que formuladas na primeira pessoa do singular e acompanhadas de ilustrações inspiradoras. Uma ferramenta muito útil para apadrinhos e leitores chegados à Irmandade.

Alcoólicos Anônimos, Primeiras Noções

Cód. 238 - 10 x 23 cm
Folheto com 20 páginas



Consistindo numa versão mais completa para apresentação da nossa Irmandade, este folheto inclui os seguintes tópicos: o que é A.A. e como começou; como os membros mantêm a sobriedade; as novas Duas Tradições; o por que do anonimato; as finanças de A.A.; como A.A. chegou ao Brasil e como é a sua estrutura de serviços no país; relações de A.A. com outras entidades, com a medicina e com a religião; a Jornal de Contórios, a Literatura e a Revista Visão; finalmente, a relação dos órgãos de serviços em âmbito estatal e regional.

Um Pequeno Guia para Alcoólicos Anônimos

Cód. 227 - 10 x 23 cm
Livrete com 14 páginas



O que é alcooolismo? Quais são os sintomas? O que é A.A., o que são suas reuniões e como ajuda o alcoólico? Quem pertence a A.A.? Um alcoólico precisa chegar ao “fundo do poço” para A.A. poder ajudá-lo? Há jovens em A.A.? Quem dirige a Irmandade e quanto custa permanecer nela? O que podem fazer os familiares de alcoólicos? O que A.A. não faz? Como se pode saber mais sobre A.A.? São as questões minuciosamente abordadas neste livrete.

Eis o A.A. ... uma introdução ao programa de recuperação de A.A.

Cód. 215 - 10 x 23 cm
Livrete com 21 páginas



Neste texto organizado em tópicos curtos e objetivos, esta publicação dá uma noção geral sobre A.A. e a doença do alcooolismo, abordando alguns dos principais mitos e realidades em torno dessa doença e da possibilidade de recuperação através do nosso programa. Aspectos tais como a decisão de parar de beber e o problema de permanecer sóbrio são detalhados.

Livretos e Folhetos Livretos e Folhetos

A.A. num relance

Cód. 231 - 10 x 23 cm
Folheto (duas faces)



O conteúdo deste folheto também constitui uma apresentação de Alcoólicos Anônimos ao público em geral, com a diferença de estar ainda mais sintetizado, podendo, assim, ser utilizado para uma divulgação mais generalizada — por exemplo, distribuindo-o ao final de uma reunião de informação ao público.

A.A. Como Funciona

Cód. 237 - 10 x 23 cm
Folheto (quatro faces)



Uma breve introdução informa como chegamos a ser o que somos hoje, e apresenta a relação dos Doze Passos sugeridos por Alcoólicos Anônimos para a recuperação individual da doença do alcoolismo. Mais um resumo para apresentar de maneira rápida e simples, o nosso modo de existência, tanto para o público em geral como para recentes-chegados a A.A.

Alcoólicos Anônimos em sua Comunidade

Cód. 224 - 10 x 23 cm
Folder (duas faces)



Com o objetivo de informar como a Irmandade trabalha na comunidade para ajudar alcoólicos, este folheto informa a nossa posição no campo do alcoolismo; como vemos o alcoolismo; como Alcoólicos Anônimos funcionam; o que são os Grupos e as Reuniões; quem são os membros de A.A.; o que é o Escritório de Serviços Gerais; o que as pessoas podem esperar de A.A.; e o que a Irmandade não faz.

Os Jovens e A.A.

Cód. 201 - 10 x 23 cm
Livrete com 19 páginas

ON
livrete
A.A.

Mitos e verdades sobre o alcoolismo e sobre Alcoólicos Anônimos — e comugar pela ideia de que se é "poco demais" para ser um alcoólico ou um AA, além de dez histórias de jovem (sete rapazes e três moças) que ingressaram na Irmandade entre os quinze e os vinte e cinco anos de idade, compõem esta publica-

ção que interessa também a pais e mães com filhos jovens, além de AAs que apadrinharam novatos na Irmandade.

Uma mensagem para os jovens...

Cód. 225 - 10,5 x 14,5 cm
Folheto com 9 páginas



Doze perguntas simples e ilustradas, dirigidas a jovens, ajudam-nos a saber "quando a bebida está se tornando um problema". A resposta positiva a qualquer uma delas indica a possibilidade de a doença do alcoolismo estar em desenvolvimento — assim, o folheto termina com um convite para conhecer A.A.

A.A. para a Mulher

Cód. 202 - 10 x 23 cm
Livrete com 46 páginas



Abrem este livrete quinze perguntas dirigidas a mulheres que suspeitam ter problemas com o álcool. Uma breve introdução aborda algumas nuances sobre o alcoolismo e A.A., remetendo para o depoimento de noito mulheres, das mais diversas condições de vida, que descobriram ter portadoras dessa doença e encontraram uma via de recuperação em Alcoólicos Anônimos.

Carta a uma Mulher Alcoólica

Cód. 213 - 10 x 23 cm
Livrete com 22 páginas



Escrita por uma mulher não-alcoólica e dirigida à mulher que suspeita ter um problema com a bebida, esta carta, publicada originalmente em 1954 numa revista norte-americana, descreve o processo de progresso da doença entre as mulheres, e apresenta de modo simples e coloquial o programa de Alcoólicos Anônimos.

Você pensa que é diferente?

Cód. 206 - 10 x 23 cm
Livrete com 44 páginas



O alcoolismo é uma doença que se esconde do próprio dono, muitas vezes sob o argumento clássico: "eu sou diferente". Os treze relatos neste livrete demonstram de forma cabal que o alcoolismo atinge pessoas das mais diferentes condições — juntas, em A.A., todos elas encontraram a sua recuperação.

Memorando a um Recluso que pode ser Alcoólico

Cód. 207 - 9 x 15 cm
Livrete com 51 páginas (papel couchê)



Esta publicação contém uma breve introdução dirigida aos detentos, fala sobre o alcoolismo, da perspectiva de recuperação em A.A., e oferece vinte perguntas que podem ajudar a identificar o próprio alcoolismo.

**Se Você for um
Profissional**

Cód. 218 - 10 x 23 cm
folhetos com 4 páginas



Dirigido a profissionais de áreas diversas que trabalham com alcoolínicos, o folheto apresenta sistematicamente a dimensão como "uma alternativa de apoio contínuo para a recuperação" dos portadores da doença, por meio de um trabalho de cooperação sem afiliação.

A.A. e os Programas de Assistência aos Empregados

Cod. 239 - 10 x 23 cm
Folder (quattro fasci)



A.A. e os Programas de Assistência aos Empregados.

Este folheto apresenta sinteticamente o modo como Alcoolicos Anônimos tem cooperado na implantação e manutenção de programas institucionais e empresariais de ajuda para empregados alcoólicos, um trabalho que tem tido como resultados: recuperação individual e familiar, economia de custos para empresas e instituições (provocados por afastamento do trabalho, hospitalizações, tratamentos, acomodamentos de emergência, etc.) e também recuperação da produtividade e do rendimento no trabalho dos empregados alcoólicos. Literatura dirigida a profissionais de Recursos Humanos, Assistência Social e outras.

"O médico que sabe reconhecer os sintomas de ambos, o alcoolismo real e o potencial, está obviamente melhor preparado para ajudar seus pacientes do que o profissional que mantém o conceito estereotipado, mais antigo do alcoolismo."

(Alcoolicos Andinistas e a Classe Médica)

A.A. Como um Recurso para os Profissionais da Saúde

Cód. 219 - 10 x 23 cm
Lámina con 16 páginas



Como uma versão mais específica do folheto destinado a profissionais em geral, este aqui dirige-se a profissionais da Saúde. Explica a nossa visão do alcoolismo como doença incurável e a frustrante resistência do alcoólico ao tratamento, e tenta responder a algumas objeções comuns a respeito de A.A.

O Artigo de Jack Alexander sobre Alcoólicos Anônimos

Cód. 228 - 10 x 25 cm



Desde os primórdios da história de A.A., a mídia publicitária que teve vindo de nossos amigos não alcoolíticos. Este livrinho é o relato do jornalista norte-americano, publicado em 1941 no Jornal *Washington Post*. Além do interesse histórico, sua leitura nos oferece uma qualificação e atualização "de fato" sobre a feminilidade, o alcoolismo e nossas estratégias para a recuperação.

Um Clérigo pergunta a respeito de A.A.

Cod. 210 10 x 25 cm
Línea 4 mm 21 micras



Neste livrinho são respondidas vinte perguntas brevemente feitas à Irmandade por religiosos interessados no problema do alcoolismo e que ainda não tiveram oportunidade de familia trazendo-se conosco. Elas mostram como os princípios contidos nos Dois Passos e Dois Tradições se ligam a aldeias experimentais de religiões diversas, e como tem havido cooperação entre o Clero e AA.

Alcoólicos Anônimos e a Classe Médica

Cód. 209 - 11 x 15 cm
Lerrete com 40 milímetros



Esta publicação dirige-se
em particular aos profis-
sionais da medicina que
sua várias especialida-
des, e procurem abordar o
conceito da alcoolismo
como doença.



Literatura de âmbito interno e para pesquisas ou reportagens sobre A.A.

As publicações abaixo destinam-se a membros de A.A. e a servidores de confiança da Irmandade, mas também a quaisquer pessoas e instituições interessadas em conhecer a história, o modo de vida e o funcionamento de Alcoólicos Anônimos.



Doze Conceitos para Serviços Mundiais

Cod. 107 - 15 x 22,5 cm
113 páginas

Também escrito por Bill W., publicado em 1962 e editado em português em 1983, este livro é a interpretação pessoal do autor sobre a estrutura mundial de serviços gerais de Alcoólicos Anônimos. Objetiva orientar as novas gerações de servidores em todos os países para que, no futuro, a liberdade de fazer as mudanças e reestruturações que se mostrarem necessárias coevante com o aprimoramento da experiência do passado, a fim de evitar a repetição dos erros já cometidos.

Tem o mérito de ser um complemento para o Manual de Serviços e para os Doze Tradições de A.A., explicitando conceitos até então não definidos por escrito, como por exemplo os Direitos de "Decisão", de "Participação" e de "Petição", e o conceito de "Liderança" em A.A.



Manual de Serviços de A.A.

Cod. 108 - 15 x 21 cm - 125 páginas

A edição mais recente desse Manual data de 1995, tendo passado por uma atualização e revisão, a fim de traduzir o amadurecimento de A.A. no Brasil. É uma obra para uso imediato, caneta e consulta, especialmente por parte de nossos servidores de confiança, mas também de todos os membros da Irmandade e pessoas interessadas em profundizar e na compreensão de nosso modo de funcionamento.



Manual do CTO

Cod. 110 - 15,5 x 21 cm
114 páginas

"Levar a mensagem de A.A. ao alcoólico que ainda sofre" é o principal serviço da Irmandade e, para isso, integram a nossa estrutura de serviços, em todos os níveis, os Comitês Trabalhando com os Outros (CTO) e suas comitês. Esse Manual constitui a ferramenta de uso diário, oferecendo com detalhes as sugestões de procedimento para os Comitês Com a Comunidade Profissional (CCCP), os Comitês de Informação ao PÚblico (CIP), os Comitês de Instituições de Treinamento (CIT), as Comissões de Instruções Correcionais (CIC), o treinamento de servidores para esses serviços, o processo de formação de CTOS, sugestões práticas de trabalho, modelos de cartas e demais formas de comunicação, sugestões para participação de programas de rádio e televisão, preparação de colunas para jornais, projetos de Seminários, etc. Ao final, foi organizado um pequeno glossário com as principais siglas da nossa estrutura de serviços.

"Um serviço em A.A. é tudo aquilo que nos ajuda a alcançar uma pessoa que sofre — o chamado Décimo Segundo Passo propriamente dito — pelo telefone ou por uma xícara de café, assim como o Escritório de Serviços Gerais de A.A. para ação nacional ou internacional."

(Manual de Serviços de A.A.)

Livros, Livretos e Folhetos

Os Co-Fundadores de Alcoólicos Anônimos

Cód. 234 - 10 x 23 cm
Folheto com 39 páginas



Editada como parte das atividades comemorativas do cinquentenário de A.A. no Brasil, esta publicação traz um resumo biográfico de Bill W. e Dr. Bob, respectivamente, o corretor da Bósa de Valores de Wall Street e o médico, considerados os fundadores de Alcoólicos Anônimos, e reproduz a mesma palestra proferida por cada um deles, respectivamente em 1969 e 1948, indicando a bibliografia para consultas mais aprofundadas.

Um Recém-chegado Pergunta...

Cód. 221 - 10 x 23 cm
Folder (seis faces)



"Este folheto é destinado às pessoas que estão entrando em contato com Alcoólicos Anônimos pela primeira vez. Nele, tentamos responder às perguntas mais frequentemente encontradas nas mentes dos recém-chegados — as perguntas que estavam em suas mentes quando pela primeira vez entramos em contato com a Irmadade."

O Melhor de Bill

Cód. 203 - 9,5 x 13,5 cm
Livrete com 54 páginas



Cinco artigos escritos por Bill W. (co-fundador de Alcoólicos Anônimos) e publicados na "A.A. Grapevine" (a revista internacional de A.A.), abordam, respectivamente, os temas: fé, medo, honestidade, humildade e amor.

Auto-suficiência pelas nossas próprias contribuições

Cód. 241 - 10 x 23 cm
Folder (seis faces)



Dirigido a todos os membros da Irmadade (e uma leitura fundamental para servidores dos Comitês e órgãos de serviço de A.A.), este folheto fala do compromisso individual para com o princípio de auto-suficiência em A.A. Relaciona as despesas mais comuns dos Grupos e órgãos de serviço; informa qual é a distribuição dos recursos arrecadados e quem os administra no Exercício de Serviços Gerais e nos órgãos de serviços; e indica as várias possibilidades de contribuição individual e o seu limite máximo, deixando implícita a sugestão de que cada membro pode *planejar* suas contribuições como julgar melhor.

Perguntas & Respostas sobre Apadrinhamento

Cód. 211 - 10 x 23 cm
Livrete com 36 páginas



Apadrinhamento em A.A. é o processo pelo qual "um alcoólico que já tenha feito um certo progresso no programa de recuperação com paróquia essa experiência de uma maneira constante e individual, com outro alcoólico que ainda está tentando conseguir ou manter a sobriedade através de A.A.". Esta publicação apresenta 34 perguntas/respostas para quem procura um padrinho/madrinha, para quem deseja ser padrinho/madrinha, para Grupos que planejam a atividade de apadrinhamento e também sobre apadrinhamento de Serviços. Ao final, encontram-se os maiores Doze Passos, Doze Tradições e Doze Conceitos.

Sugestões para coordenar reunião de novos

Cód. 229 - 10 x 23 cm
Livrete com 16 páginas



Que tipos de reuniões de A.A. funcionam melhor para os novos na Irmadade? Qual o melhor perfil para um bom coordenador de reuniões? Pode um coordenador preparar-se para as reuniões? Alguns minutos sugeridos para as reuniões e algumas informações sobre o planejamento dessa atividade são os conceitos desta publicação, que poderá ser útil sobretudo aos Comitês de Serviços dos Grupos de A.A.

As Doze Tradições Ilustradas

Cód. 106 - 20 x 23 cm
Livrete com 26 páginas



Baseado em uma série de desenhos publicados em "A.A. Grapevine", este livrete começa apresentando a origem das Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos e coloca, lado a lado, ilustrações de cada uma delas e breves textos comentando o sentido de cada Tradição. Um recurso a ser compreendido nas relações de apadrinhamento, nas reuniões de estudos das Tradições e também como subsídios para líderes dedicados à informação ao público, dada a sua linguagem coloquial.





RSG – Representante de Serviços Gerais

Cód. 236 - 10 x 23 cm
Folder (sobradas)



O folder traz uma breve história desse encargo: "Talvez o mais importante serviço em A.A.", bem como orientações sobre as atribuições do RSG para a Irmãmdade como um todo e particularmente no seu Grupo-base; indica a literatura mais diretamente ligada ao seu trabalho; aborda o processo de eleição desse servidor de confiança, as qualificações sugeridas para candidatar-se, a função do mandato e as qualidades de um bom RSG. E finaliza apresentando um pequeno texto de Bill W. à época.

O Grupo de A.A. ... Onde tudo começa

Cód. 205 - 10 x 23 cm
Livrete com 63 páginas



O que é, como surge, como funciona e que atividades desenvolve um Grupo de A.A.? Quem são e o que fazem seus servidores internos? Como cada Grupo se relaciona com A.A. como um todo? Como é e como opera a estrutura geral de A.A. (os Grupos, Assembleias, etc.)? Tais perguntas são respondidas detalhadamente nesse livrete, que traz ainda tópicos sobre o que A.A. não faz, a posição da Irmãmdade no campo do alcoolismo e a reprodução dos nossos Doze Passos, Doze Tradições e Doze Conceitos. Fimilharia também como um pequeno manual para consultas e estudo.

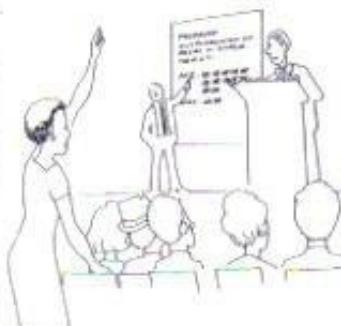
"Toda a estrutura de A.A. depende da participação e da conscientização dos Grupos; a maneira pela qual cada um desses Grupos conduz seus assuntos tem um efeito de ressonância sobre A.A. em toda parte. Assim, estamos sempre conscientes da nossa responsabilidade pela nossa própria sobriedade e, como Grupo, de transmitir a mensagem de A.A. ao alcoólico sofredor que procura ajuda." (O Grupo de A.A.)



Os Doze Conceitos Ilustrados

Cód. 113 - 20 x 23 cm
Livrete com 26 páginas

O Doze Conceitos para Serviços Mundiais de Alcoólicos Anônimos também têm a sua versão ilustrada com desenhos publicados originalmente em "A.A. Cooperativa". É composta por trechos sintéticos e escritos em linguagem coloquial. Dada a maior complexidade do livro sobre o mesmo tema, esse folheto é especialmente indicado para os reuniões de estudo dos Conceitos e para o aprofundamento em Serviços Gerais da Irmãmdade.



A Tradição de A.A. – Como se Desenvolveu. Por Bill W.

Cód. 204 - 10 x 23 cm
Livrete com 78 páginas



Esta publicação "conta a história do nascimento e desenvolvimento dos primeiros considerados ensinamentos para a unidade e a bremência de A.A.", por meio de artigos escritos por Bill W. (co-fundador de Alcoólicos Anônimos), escritos entre 1946 e 1955 e intitulados, respectivamente: "Quem é membro de A.A.", "Hospital e A.A.", "Os Clubes de A.A. devem continuar?", "O perigo de levar A.A. a outros projetos", "Dinheiro", "A.A. nunca terá um governo permanente", "Anônimo" e "Por que A.A. é anônima".

Dentro de A.A.

Cód. 222 - 10 x 23 cm
Folder (sobradas)

Uma breve explicação sobre a estrutura da Irmãmdade no mundo e no Brasil (tal como existiam no ano de 1983): a Junta de Serviços Gerais, o Escritório de Serviços Gerais, o Centro de Distribuição de Literatura de A.A. para o Brasil (atualmente incorporado ao RSG), a Conferência de Serviços Gerais, o Grupo, o Representante de Serviços Gerais, as Assembleias, Delegados e Comissões de Área, os Comitês e as Reuniões de Distrito, os Delegados de Área, os Cuidados, os Serviços Mundiais e o diário. Um excelente material para o aprofundamento em Serviços.

13



A.A. em Instituições de Tratamento

Cód. 212 - 10 x 23 cm
Livreto com 19 páginas



Como a transmissão da mensagem de A.A. a alcoólicos internados em instituições de tratamento ajuda a fortalecer a sobriedade? Como trabalhamos com tais instituições e que tipos de reuniões realizamos lá? Quais as qualificações que um AA deve possuir a fim de engajar-se neste serviço, quais atitudes

lhe são sugeridas e quais atitudes deveriam ser evitadas? Estas são algumas das questões abordadas neste livreto, que interessa não apenas a AAs que desejam realizar tal serviço, mas também a profissionais e instituições desejosas de começar um trabalho de cooperação com Alcoólicos Anônimos para a recuperação de pacientes alcoólicos.

14

Falando em reuniões de não-A.A.

Cód. 217 - 10 x 23 cm
Livreto com 22 páginas



Muito prática, esta publicação se destina a palestrantes em reuniões de informação ao público, contendo sugestões que foram reunidas pelo Comitê de Informação ao Público do Escritório de Serviços Gerais de A.A.: quem está qualificado para falar, sobre o que falar, folhetos e orientações úteis, sugestões e precauções que os AAs devem tomar quando relatam suas histórias pessoais neste tipo de evento, um breve roteiro para tais reuniões, e ainda, as vinte perguntas mais frequentes feitas pelo público em geral, componem este livreto.

Os Doze Passos Ilustrados

Cód. 235 - 10 x 23 cm
Livreto com 14 páginas



Simples e direto, e como indica o seu título, este livreto traz a relação dos Doze Passos sugeridos por Alcoólicos Anônimos para a recuperação do alcoolismo, cada qual acompanhado de uma ilustração e de uma frase. Poderá servir como uma inspiração para recém-chegados, como um recurso auxiliar de padrinhos e madrinhas e para AAs que, mesmo contando algum tempo na Irmandade, ainda não praticaram todos os Passos sugeridos.



Cód. 242 - 10 x 23 cm
Livreto com 48 páginas

As três palestras proferidas por Bill W., reunidas neste livreto, incluem, de forma detalhada, as duas primeiras informações sobre o programa de A.A., apresentadas solenemente perante as assembleias de renomadas sociedades médicas dos EUA. Essas palestras constituem um marco definitivo no crescimento da compreensão de A.A. por uma de suas maiores aliadas — a medicina.

Outros problemas além do álcool

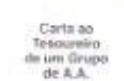
Cód. 220 - 10 x 23 cm
Folheto (seis faces)



Um texto de Bill W. escrito em 1938 fala de como A.A. lida com o problema da dependência de outras substâncias químicas. Demonstra como a experiência indica ser impossível um não-alcoólico tornar-se membro de A.A. e ser desejável acolher quaisquer alcoólicos que sofram de outras dependências, oferecendo, inclusive, Grupos de "propósito especial". É esclarece que em A.A. "o Grupo tem rigorosas limitações, mas a individualidade não tem quase nenhuma", ficando livre para cooperar em qualquer área, observando sempre as Tradições de anônimo, não-endoso e do propósito primordial: "levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre".

Carta ao Tesoureiro de um Grupo de A.A.

Cód. 240 - 10 x 23 cm
Folheto (seis faces)



Apresenta o encargo e as responsabilidades de um Tesoureiro de Grupo, informa a destinação do dinheiro arrecadado pela prática da nossa Sétima Tradição, aborda os assuntos da reserva prudente e da relação entre dinheiro e espiritualidade em Alcoólicos Anônimos, e indica outros trechos da literatura oficial de A.A. por onde é possível encontrar respostas a outras dúvidas que os tesoureiros possam ter no dia a dia do seu serviço.

"Com o passar dos anos, o anonimato provou ser uma das maiores contribuições que A.A. oferece ao alcoólico que sofre. Sem ele muitos nunca assistiram à sua primeira reunião."
(Entendendo o Anonimato)



Entendendo o Anônimo

Cód. 216 - 10 x 23 cm
Livreto com 13 páginas



A "Décima-Segunda Tradição" de A.A. é tratada neste livreto, distinguindo-se o anonimato na base de pessoas para pessoas e o anonimato em nível de mídia. Em seguida, há dez perguntas e respostas em torno do assunto, finalizando-se com algum "fazê-lo a respeito do anonimato" na Irmandade e algumas sugestões em relação à conduta pessoal.

O Membro de A.A. – Medicamentos e Outras Drogas

Cód. 214 - 10 x 23 cm
Livreto com 17 páginas



O texto desta publicação é, na verdade, o relatório de um grupo de médicos que são também membros de Alcoólicos Anônimos, e aborda a delicada questão da relação entre alcoolismo e o uso de medicamentos e outras drogas por um lado, sabe-se que alcoólicos têm grande propensão a se tornarem dependentes de outras drogas além do álcool e, por outro lado, medicamentos poderão ser absolutamente necessários no tratamento de outros problemas graves de saúde do alcoólico. O relatório inclui o relato de três AAs incluídos no primeiro caso e três típicos do segundo caso, e apresenta nove sugestões de como lidar com esta questão, no relacionamento pessoal com médicos e dentistas e também com outros alcoólicos e em A.A.

ÍNDICE DAS PUBLICAÇÕES DE A.A. EM ORDEM ALFABÉTICA

16 PERGUNTAS	8
A TRADIÇÃO DE A.A. – COMO SE DESenvolveu	13
A.A. COMO UM RECURSO PARA OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE	10
A.A. COMO FUNÇÃO	9
A.A. E OS PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA AO EMPREGAIXIS	10
A.A. É PARA MIM?	8
A.A. EM INSTITUIÇÕES DE TRATAMENTO	14
A.A. ESPERANÇA (Vídeo)	6
A.A. NUM RELANCE	9
A.A. PARA A MULHER	9
ALCOÓLICOS ANÔNIMOS	4
ALCOÓLICOS ANÔNIMOS (Análise)	6
ALCOÓLICOS ANÔNIMOS ATINGE A MAIORIA	4
ALCOÓLICOS ANÔNIMOS E A CLASSE MÉDICA	10
ALCOÓLICOS ANÔNIMOS EM SUA COMUNIDADE	9
ALCOÓLICOS ANÔNIMOS PRIMEIRAS NOTÍCIAS	8
AS DOZE TRADIÇÕES ILUSTRADAS	12
AUTO-SUFICIÊNCIA PELAS NOSSAS PRÓPRIAS CONTRIBUIÇÕES	12
BOB MURAI	7
CARTA A UMA MULHER ALCOÓLEICA	9
CARTA AO FOSFORILHO DE UM GRUPO DE A.A.	14
DENTRO DE A.A.	13
DOZE CONCEITOS PARA SERVIÇOS MUNDIAIS	11
DR. BILL E OS BOAIS VETERANOS	5
EDS DE A.A.	8
ENTENDIMENTO DO ANÔNIMO	13
FALANDO EM REUNIÕES DE NÃO A.A.	14
INFORMATIVO CTO	7
MANUAL DE SERVIÇOS DE A.A.	11
MANUAL DO CTO	11
MEMORANDO A UM RECLUSO QUE PODE SER UM ALCOÓLICO	9
NA OPINIÃO DO BILL	5
O ARTIGO DE JACK ALEXANDER SOBRE A.A.	10
O GRUPO DE A.A.	12
O MELHOR DE BILL – EXTRATO DO GRAPEVINE	12
O MEMBRO DE A.A. MEDICAMENTOS E OUTRAS DROGAS	15
OS CO-FUNDADORES DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS	12
OS DOZE CONCEITOS ILUSTRADOS PARA SERVIÇOS MUNDIAIS	13
OS DOZE PASSOS E AS DOZE TRADIÇÕES	4
OS DOZE PASSOS E AS DOZE TRADIÇÕES (Análise)	6
OS DOZE PASSOS II UN FRACOS	18
OS JOVENS E A.A.	9
OUTROS PROBLEMAS AI É NO ALCOOL	14
PREGUNTA E RESPOSTAS SOBRE APARELHAMENTO	12
REFEXÕES TRÂMBAS	9
RIO – REPRESENTANTE DE SERVIÇOS GERAIS	13
REVISTA VIVÊNCIA	7
SE VOCÊ FOR UM PROFISSIONAL	10
SERVIÇO MOSSO FERREIRO LEGADO (Vídeo)	6
SUGESTÕES PARA COORDENAR REUNIÃO DE NOVOS	12
TRÊS PALESTRAS AS SOCIEDADES MÉDICAS	
POR BILL W., CO-FUNDADOR DE A.A.	14
UM CLÉRIGO PREGUNTA A RESPEITO DE A.A.	10
UM PEQUENO GUIA PARA ALCOÓLICOS ANÔNIMOS	4
UM RECÉM-CHEGADO PREGUNTA	12
UMA MENSAGEM AOS ADMINISTRAKRIES DE INSTITUIÇÕES CORRECTIONAIS	10
UMA MENSAGEM PARA OS JOVENS	9
VENHA A CREDENCIAR	5
VIVER SÓBRI	4
VOCÊ DEVE PROCURAR O A.A.	8
VOCÊ PENSÁ QUE É DIFERENTE?	9

